

YEO, Geoffrey (2021) – Record-Making and Record-Keeping in Early Societies. London: Routledge. 227 pp., ISBN 978-0-429-05468-6. <https://doi.org/10.4324/9780429054686>

por L. S. ASCENSÃO DE MACEDO

Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX, Universidade de Coimbra

ascensaodemacedo@gmail.com

ORCID: 0000-0001-7251-7314

O senso comum associa os arquivos como repositórios que informam sobre o passado. No entanto, o conhecimento que se dispõe sobre as tradições arquivísticas das civilizações da Antiguidade não provém diretamente da Arquivística ou, mais amplamente, da Ciência da Informação, mas de diversos domínios, como a História Antiga, a Arqueologia e a Antropologia, que incorporaram nas suas linhas de investigação uma espécie de “virada arquivística” (*archival turn*).

A obra de Geoffrey Yeo, reconhecido investigador e arquivista britânico, intitulada *Record-Making and Record-Keeping in Early Societies* (Produção e Gestão da Informação Arquivística nas Sociedades da Antiguidade, trad. nossa), trazida à luz pela prestigiada editora *Routledge*, traz um contributo relevante para a área que concita uma reflexão sobre a função dos arquivos para as sociedades antigas a partir dos conjuntos documentais subsistentes. Incide particularmente sobre como a prática de criação e manutenção de arquivos gerados por diversos povos da Antiguidade podem informar sobre as influências, continuidades e ruturas entre diversas tradições arquivísticas, no passado e no presente. A versão do livro, que ora se recenseia, baseia-se na edição em formato digital.

Yeo¹, formado na área dos Estudos Clássicos pela Universidade de Oxford, com uma pós-graduação em Arquivística pela University College London, com

¹ Para mais aspetos biobibliográficos deste autor, cf. Duranti e Franks (2019, s.v. YEO, Geoffrey).

uma reconhecida produção científica, demonstra segurança na abordagem de um tema que costuma ser predominantemente explorado por diversos especialistas de outros domínios científicos (*u. g.*, Arqueologia, Antropologia, História Antiga, Estudos Clássicos). De certa forma, é expectável que o autor não se revele competente para abordar diversas áreas de elevado nível de especialização, por requerer conhecimentos aprofundados não só no âmbito da História Antiga e da Arqueologia relativas a diversas civilizações da Antiguidade como também no domínio de línguas antigas. Este tipo de temáticas tende a ser abordado por especialistas que são portadores de um conhecimento direto das coleções e com proficiência linguística para analisar paleograficamente textos nas suas diversas materialidades, como se pode observar em diversos capítulos coordenados por Brosius (2003) ou nos artigos integrantes do número 11 de *Archives and Manuscripts* (BAUSI *et al.*, 2018).

Embora este tema não seja particularmente novo na Arquivística, abordado por autores dos séculos XVII e XVIII, como Baltasar Bonifacio, Nicolao Giussani, Albertino Barisone, a obra de Posner, *Archives in the Ancient World* (1972), tem sido considerada pela comunidade científica como o contributo maior para o estudo das diversas tradições arquivísticas das civilizações antigas. Lamentavelmente este contributo parece não ter gerado junto da comunidade científica da Arquivística um interesse particular no seu aprofundamento, conhecimento este capitalizado, entretanto, por outros domínios científicos. Ainda assim, Yeo não deixa de sublinhar o pouco rigor conceptual ainda veiculado por aquelas comunidades científicas (fora do domínio da Arquivística), que usam os termos arquivo e biblioteca de forma pouco rigorosa ou que tendem a tergiversar a interpretação ao utilizar conceitos arquivísticos contemporâneos para explicar procedimentos arquivísticos a partir dos conjuntos documentais subsistentes. O autor reflete não só como a invenção da escrita se relaciona com a criação de registos para documentar transações de forma durável e confiável, mas também tece considerações sobre tradições e tensões entre a oralidade *versus* escrita na produção de informação de arquivo nestes passados distantes.

Em termos da estrutura formal, a obra contém uma introdução, seguido de oito capítulos, complementado por uma cronologia e índice remissivo por assuntos. No fim de cada capítulo, encontram-se as notas de fim de capítulo e as referências bibliográficas. Trataremos a seguir de sumarizar cada uma destas secções.

Na *Introdução* (2021: pp. vii–xx), o autor refere que o tema do livro se centra nos primórdios das práticas arquivísticas nas civilizações da Antiguidade, com o objetivo de “to examine aspects of the making as well as the keeping

of records” (2021: p. ix). Ainda, o autor informa que a temática deriva da sua participação no *VII Congresso Internacional de História dos Documentos e dos Arquivos* (ICHORA) realizado em Amesterdão em 2015. No entanto, este investigador reconhece que o conceito polissémico de *record* pode suscitar perceções distintas na comunidade científica, optando por apanhar-se num artigo da sua lavra (YEO, 2007). Neste sentido, Yeo opta por problematizar como a gestão da informação arquivística (*recordkeeping*) nas civilizações da Antiguidade podem ser percecionadas sob a lente da nossa contemporaneidade. Além disto, problematiza a produção de informação arquivística antes da invenção da escrita, assim como os diversos artefactos cujo sistema de escrita ainda não foi objeto de decifração (como os da civilização Harappa do vale do Indo). Por último, o autor apresenta a estrutura do livro, justificando as suas escolhas não só do ponto de vista das motivações e enfoques, mas também as limitações decorrentes das suas opções de análise.

No capítulo 1 («How records began: representation and persistence», 2021: pp. 1–27), Yeo realiza uma incursão sobre a função da linguagem humana na transmissão da memória e da necessidade da sua materialização externa como forma de representação persistente de atos e/ou factos. Estas materializações da memória podem estar presentes nas marcas humanas feitas na paisagem, nas representações artísticas (como as pinturas rupestres de Lascaux e de Altamira) ou nos artefactos (naturais ou feitos por humanos). O autor suporta a sua análise a partir dos estudos evolucionistas e antropológicos sobre a função da memória e os mecanismos de externalização/materialização a partir das evidências arqueológicas.

No capítulo 2 («Marks of ownership and sealing», 2021: pp. 28–42), o autor explora como se manifestavam as marcas de propriedade e de selagem como formas de representação persistente, segura e autêntica. De acordo com o autor, as evidências arqueológicas demonstram a presença de marcas de propriedade com o objetivo de assegurar, de modo persistente, os direitos do proprietário sobre o bem, que pode ser encontrado nos mais antigos artefactos procedentes de diversas civilizações. No que concerne ao uso de selos e de sistemas de selagem, o autor faz ressalva de que o seu uso se encontra atestado, em suportes diversos (pedra, osso, metal, etc.), há, pelo menos, 10 000 anos na Síria e em regiões como Israel, Turquia, Grécia, Balcãs, Hungria e Itália. No entanto, as razões por que os selos e sistemas de selagem têm sido preservados em determinados compartimentos descobertos em diversas prospeções arqueológicas de diversas regiões, continuam a ser, de acordo com o autor, matéria de debate entre os especialistas.

No capítulo 3 («Records, accounting, and the emergence of writing in ancient Mesopotamia», 2021: pp. 43–59), Yeo realiza uma incursão em torno dos registos mais antigos em proto-cuneiforme e do recurso às tabuinhas de argila como o suporte de registo arquivístico que distingue as civilizações da Mesopotâmia. O fator de portabilidade conferiu a este tipo de suporte não só a possibilidade de realização de transações e/ou consignação de direitos/obrigações mas também como a sua representação neste tipo de *medium* (em acádio, *tuppu*) evolui com a sofisticação da escrita ao longo do tempo. O principal problema consiste no facto de este *corpus* de textos encontrar-se não só parcialmente decifrado (em muitos casos, fragmentário) como também suscita interpretação diversa entre especialistas, atendendo que exige competências linguísticas em línguas antigas (neste caso, sumério, acádio, babilónico, hitita, lúvico, etc.).

No que concerne ao capítulo 4 («Records and writing in other early societies: Egypt, the Aegean, China, and the Americas», 2021: pp. 60–95), o autor realiza uma *big picture* em torno das práticas arquivísticas das civilizações do Egito Antigo, do Egeu, China e na América pré-hispânica (especialmente, com as civilizações Maia, Asteca e Inca). Uma das condições necessárias para poder identificar-se que determinados documentos são “informação de arquivo” consiste na questão da decifração. Por exemplo, os milhares de documentos subsistentes em Linear B da civilização micénica foram decifrados em meados da década de 1950 por Alice Kober, Michael Ventris e John Chadwick e dizem respeito à atividade administrativa dos palácios de Knossos, Cidónia, Pilos, Tebas e Micenas. No entanto, muitos documentos escritos em hieróglifos cretenses e em Linear A (adscritos à civilização minoica) não foram ainda objeto de decifração, mas tudo aponta para a presença de informação administrativa com valor de arquivo. Não deixa de ser matéria de reflexão até que ponto a civilização micénica herdou da civilização minoica as práticas e procedimentos arquivísticos, de modo a aferir-se sobre continuidades ou ruturas na transição de regimes sócio-políticos. Da mesma forma, sobre o sistema *quipu* (em Yeo, *kipu*) da civilização inca, tem existido diversa interpretação sobre o seu uso quer para fins contábeis quer para fins de correspondência, atendendo que os usos contemporâneos deste suporte pouco informam sobre a sua função no passado. Yeo termina o capítulo tecendo considerações sobre as origens da produção documental e criação de instituições arquivísticas e a sua relação com a evolução das grandes cidades. Yeo vai mais longe ao atribuir tais práticas às antigas civilizações agrícolas que precederam à criação das cidades ou estados. A produção de informação de arquivo destes passados distantes tinha

como propósito assegurar a responsabilização (*accountability*) entre as partes intervenientes na transação de bens ou o cumprimento de direitos e deveres, porém tendencialmente entre as classes sociais subordinadas para com as classes mais possidentes.

No capítulo 5 («Creating and storing written records and archives: the proliferation of records in south-west Asia, Egypt, and Greece», YEO, 2021: pp. 96–121), o autor realiza uma incursão sobre algumas práticas de produção e armazenamento de documentos e formação de arquivos em algumas civilizações bem documentadas (*u. g.*, Anatólia e sudoeste asiático, Egito e Grécia Antiga), entre o terceiro e o primeiro milénio antes de Cristo. O autor focaliza não só em determinados suportes de informação portáteis (e sua coexistência com outros, como o papiro, o pergaminho e *óstraka*) mas também nas tipologias documentais mais predominantes. Yeo exemplifica, com o amparo da literatura da especialidade, que os arquivos palacianos de Ugarit, Mari e Ebla dispunham de sistemas de arquivo bem organizados, contrariamente aos arquivos do Antigo Egito. Por exemplo, os conjuntos documentais subsistentes da civilização egípcia, salvo raras exceções, procedem de lixeiras (como Oxirrinco, no Egito). Na Grécia Antiga, especialmente no contexto da democracia ateniense, surgem repositórios públicos, de que é exemplo o *Metrōon* (*Μητροῶν*) (séc. VI a. C.), onde se depositavam não só documentos de natureza pública (*u. g.*, *τόμοι συγκολλησίμοι, tomoi synkollesimoi*) mas também privada. Também, é na Grécia Antiga que se desenvolveu a figura do *grammatophylakion*, do *chreophylakion* ou do *archeion* como atividades mais próximas do que hoje podemos associar à figura de arquivista. O autor refere, também, que, na época Helenística, se multiplicaram em diversas cidades-estados instituições arquivísticas próximas da ágora, graças à investigação arqueológica mais recente, dando exemplos como Cirene (Líbia), Dura-Europo (Síria) e Selêucia do Tigre (Irão). Apesar de muitos dos repositórios terem desaparecido, os arquivos, como instituições e serviços, proliferaram em diversas regiões quando passaram para a administração romana.

No capítulo 6 («Orality and literacy: confidence in records», 2021: pp. 122–146), Yeo analisa como as sociedades da Antiguidade formalizaram atos, seja por via oral seja por escrito. Amparando-se nas fontes históricas e na investigação arqueológica, o autor sinaliza continuidades e descontinuidades no uso da escrita como meio preferencial para a formalização de atos em determinados povos da Antiguidade. O autor sugere que determinados povos preferiram realizar transações por via oral por uma questão de tradição. No entanto, diversos documentos subsistentes da antiga Mesopotâmia e da Grécia Antiga atestam uma tendência de os registos escritos adotarem uma

estratégia de registo próxima da oralidade, como forma de imprimir autenticidade e fidedignidade ao ato registado.

Ainda neste capítulo, Yeo tece considerações sobre como a retenção, uso e eliminação de documentos eram práticas recorrentes a partir das evidências arqueológicas feitas no sudoeste asiático e no Egito. Alguns dos conjuntos documentais identificados nos palácios, como Tell Shemshara (Iraque) e Tell Leilan (Síria), dispunham registos administrativos e contabilísticos relativos a um ciclo anual, sugerindo que a documentação mais antiga era sistematicamente destruída. Em Nippur (Iraque), há evidências de que a documentação era conservada por três ou quatro anos. No entanto, em Mari (Síria), foram recuperados documentos relativos a três gerações de monarcas. Yeo realça que a tendência de produção de informação de arquivo para o registo escrito nas sociedades da Antiguidade está relacionada com a centralização e consolidação do poder dos Estados e como forma de servir os interesses das elites.

No capítulo 7 («Orality, record-making, and social action», 2021: pp. 147–168), o autor estende os elementos percorridos no capítulo anterior, ampliando a sua interpretação para os usos da informação arquivística escrita pelas sociedades da Alta Antiguidade. O autor analisa como a transição da oralidade para a escrita está inextricavelmente relacionada com a produção de informação de arquivo, veiculando um discurso de tipo assertivo, declarativo/dispositivo, performativo/ritualístico ou promissório. O autor não só explora como também dá muitos exemplos de aspetos diplomáticos subjacentes a alguns dos documentos escritos mais antigos que chegaram até nós.

No capítulo 8 («Concluding thoughts: archival science and early records» 2021: pp. 147–168), Yeo tece conclusões sobre o estado da arte dos estudos científicos da Arquivística em relação aos conjuntos documentais das civilizações da Antiguidade. Sobre este aspeto, diversos autores canónicos da Arquivística discorreram sobre as tradições e métodos que procedem destes passados distantes. No entanto, Yeo critica a obra de Posner (1972), especialmente sobre a ideia de que os arquivos do Egito Antigo eram bem estruturados, aspeto que os especialistas no domínio da Egiptologia consideram ser exatamente o oposto. Esta questão conflui com o problema de como podemos analisar as diversas tradições arquivísticas das sociedades da Antiguidade sob a lente da nossa contemporaneidade, sob o ensejo de estabelecer similaridades e diferenças ou de sinalizar continuidades e ruturas em processos de registo, classificação, descrição, avaliação, conservação e disseminação ou, em alternativa, de instituições e conceitos arquivísticos tal como hoje os entendemos. Na opinião do autor, princípios arquivísticos, como proveniência ou

respect des fonds, ou o sistema de séries, devem ser cautelosamente aplicados quando se procura tecer comparações entre tradições arquivísticas distantes no tempo e no espaço. Além disto, dispomos de poucas evidências de como os produtores e as entidades custodiantes de informação de arquivo daquelas civilizações percecionavam a sua atividade. Acresce a isto o facto de muitos dos repositórios arquivísticos das civilizações da Antiguidade do Oriente Médio se encontrarem atualmente dispersos entre diversas entidades custodiantes, designadamente em museus. De acordo com o autor, “many *fonds* from the ancient world are now divided between two or more museums, and many museums have collections assembled from a number of dispersed *fonds*” (YEO, 2021: p. 181), ou seja, o artefacto informacional tende a submeter-se a uma hermenêutica predominantemente museológica.

É possível verificar que o autor realiza através desta obra um estudo sobre as diversas tradições arquivísticas das civilizações da Antiguidade, particularmente do sudoeste Asiático, Egito Antigo, do mar Egeu, da Grécia Antiga, da China e da América pré-hispânica. Percebe-se que o autor em diversos capítulos procura realizar, com abundantes exemplos extraídos da literatura da especialidade, uma abordagem comparada entre diversas tradições arquivísticas da Antiguidade. Há, no entanto, que considerar que, em nossa opinião, cada civilização mereceria um capítulo próprio. Sobre os arquivos do império dos Hititas, por exemplo, o autor aborda-os de forma muito esparsa em poucos parágrafos, apesar de dispormos de investigação relevante sobre conjuntos documentais associados a este povo da Anatólia, como o arquivo palaciano de Bogazköy (Turquia), datado do 2.º milénio antes de Cristo, com um acervo arquivístico com cerca de 25 000 tabuinhas de argila. O autor limita-se, em diversos momentos, em citar passagens de documentos em concreto para suportar determinadas práticas que este considera como integrantes da atividade arquivística (*u. g.*, compra/venda de um bem, correspondência institucional, etc.), mas não elege, a título exemplificativo, um fundo documental em particular (ainda que dispersos entre diversas entidades custodiantes) e pouco reflete sobre os problemas de representação da informação em torno destes artefactos informacionais. A percepção com que se fica deste livro consiste na postura adotada pelo autor, que tende a ser mais um historiador do que propriamente um investigador da Ciência Arquivística.

Igualmente, os arquivos, por exemplo, de Roma e da Índia antigas (e de muitos outros povos da Antiguidade com tradição escrita) ficaram largamente ausentes deste livro. Mais ainda, como já dissemos, a sua estratégia de referenciação limitou-se em citar literatura secundária, apesar de

existir diversos *corpora* digitalmente disponíveis na Internet - por exemplo, *CDLI - Cuneiform Digital Library Initiative* (University of California *et al.*, [s.d.]), *LiBER. Linear B Electronic Resources* (Istituto di Studi sul Mediterraneo Antico, [s.d.]), *EbDA Ebla Digital Archives* (Ca' Foscari University of Venice, [s.d.]) ou *Textdatenbank und Wörterbuch des Klassischen Maya* (UNION Der Deutschen Akademien der Wissenschaften, [s.d.]), entre muitos outros projetos análogos no âmbito das Humanidades Digitais - que poderiam ter sido sugeridos com pulcritude, dada à escassez de ilustrações sobre muitos dos artefactos informacionais referenciados no livro. Outro aspeto que consideramos que o autor poderia demonstrar alguma contenção consiste na repetição de expressões do tipo “the first records”, “the first inscriptions” ou “the first clay tablets” (e similares), por transmitir uma falsa percepção ao leitor, uma vez que a investigação científica está a trazer constantemente novas evidências sobre a (relativa) antiguidade de diversos artefactos informacionais e novas interpretações sobre o seu conteúdo e contexto de produção.

Apesar de o autor deter-se sobre muitos aspetos associados à produção, circulação e custódia de documentos em diversos povos da Antiguidade, seria expectável para o leitor conhecer mais sobre o paradeiro de muitos destes artefactos informacionais. Embora muitos destes bens documentais se encontrem maioritariamente na custódia de museus e de coleções científicas, o autor não discorre aprofundadamente sobre a sua localização, estratégias de aquisição e de representação, estatuto legal e regime de acessibilidade, dado que constitui informação imprescindível para potenciais investigadores que pretendam tomar este livro como um ponto de partida de estudo. Por exemplo, poderia ter sido fornecido pelo autor, sem ensejo de completude, em apêndice, um roteiro de fundos e coleções relativo aos “arquivos” das civilizações mencionadas no seu livro, não obstante estar-se perante conjuntos documentais não só altamente fragmentários, mas também dispersos entre diversas entidades custodiantes.

Em última análise, a presente obra oferece à comunidade um contributo inestimável que amplia o conhecimento que atualmente se dispõe sobre as diversas tradições arquivísticas das civilizações da Antiguidade. Há, contudo, que ter bem presente que qualquer estudo baseado nos arquivos das civilizações destes passados distantes requer um perfil de um investigador altamente especializado, preferencialmente com conhecimento direto sobre os conjuntos documentais, além do mais de ser um tipo de investigação que dificilmente pode ser conduzido a título individual, se se pretender realizar um trabalho credível para a disciplina.

Referências

- BAUSI, Alessandro [et al.] ed. lit. (2018) — *Manuscripts and Archives: Comparative Views on Record-Keeping* [Em linha]. [S.l.] : De Gruyter. [Consult. 17 set. 2021]. Disponível em WWW:<URL:https://doi.org/10.1515/9783110541397>.
- BROSIUS, Maria, ed. lit. (2003) — *Ancient archives and archival traditions: concepts of record-keeping in the ancient world*. Oxford; New York : Oxford University Press.
- CA' FOSCARI UNIVERSITY OF VENICE — *EbDA Ebla Digital Archives* [Em linha] [Consult. 27 out. 2021]. Disponível em WWW:<URL:http://ebda.cnr.it/>.
- DURANTI, Luciana; FRANKS, Patricia C., ed. lit. (2019) — *Encyclopedia of Archival Writers, 1515-2015*. Lanham : Rowman & Littlefield.
- ISTITUTO DI STUDI SUL MEDITERRANEO ANTICO — *LiBER. Linear B Electronic Resources* [Em linha] [Consult. 26 out. 2021]. Disponível em WWW:<URL:http://www.liber.isma.cnr.it/project.html>.
- POSNER, Ernst (1972) — *Archives in the Ancient World*. Cambridge, MA : Harvard University Press.
- UNION DER DEUTSCHEN AKADEMIEN DER WISSENSCHAFTEN — *Textdatenbank und Wörterbuch des Klassischen Maya* [Em linha] [Consult. 26 out. 2021]. Disponível em WWW:<URL:https://mayawoerterbuch.de/>.
- UNIVERSITY OF CALIFORNIA [et al.] — *CDLI Cuneiform Digital Library Initiative* [Em linha] [Consult. 26 out. 2021]. Disponível em WWW:<URL:https://cdli.ucla.edu/>.
- YEO, Geoffrey — Concepts of Record (1) : Evidence, Information, and Persistent Representations. *The American Archivist*. 70:2 (2007) 315–343.
- YEO, Geoffrey (2021) — *Record-Making and Record-Keeping in Early Societies* [Em linha]. London: Routledge. Disponível em WWW: <URL:https://doi.org/10.4324/9780429054686>.

BAUC VOL. XXXIV, N.º 2

NOTA DE APRESENTAÇÃO

ESTUDOS

Organization and Representation of Musical Information (ORMI) in Portugal: a literature review
Carlos Guardado da Silva; António Baptista

Una mirada a los Modelos Conceptuales de Descripción Archivística desde una perspectiva comparativa
Elizabeth Oliva Díaz de Arce; Dunia Llanes Padrón; Mayra Marta Mena Mugica

Entre a Idade Média e a Idade Moderna: a evolução demográfica do Termo do Porto
Fabiano Ferramosca

Transparência Digital na Informação Pública: Infoética
Federico Natalio Madkur; Francisco Carlos Paletta

A livraria de Júlio Máximo de Oliveira Pimentel (1809-1884), 2.º Visconde de Vila Maior
Guilhermina Mota

O “Centro Audiovisual Max Stahl” Timor-Leste (CAMSTL) da Universidade de Coimbra: ponto de situação e ações futuras
Maria Cristina Vieira de Freitas; Elis Gabriela Copa dos Santos

RECENSÕES CRÍTICAS

BAILEY, Catherine (2020) – *Crianças Perdidas: A Vingança de Hitler*. Alfragide: Edições ASA II. 558 p.
Andreia da Silva Almeida

FADIGAS, Leonel (2021) – *De Alcobaça à Independência do Brasil: O coronel Isidoro Rodrigues Pereira e as transformações sociais, económicas e políticas no Maranhão colonial entre 1775 e 1825*. Lisboa: Silabo. 197 p.
Carlos Guardado da Silva

RODRIGUES, Maria João (2021) – *Avaliação da Informação Arquivística- Governos Cívicos*. 1ª. Edição. Lisboa: Edições Colibri. 129 p.
Sandra Patrício

SIMÕES, M. da G., & LIMA, G. Â. de (Orgs.) (2020) – *Do tratamento à organização da informação: Reflexões sobre concepções, perspectivas e tendências*. Coimbra: Imprensa da UC. 297 p.
Luís Miguel Oliveira Machado

YEO, Geoffrey (2021) – *Record-Making and Record-Keeping in Early Societies*. London : Routledge. 227 pp., ISBN 978-0-429-05468-6. <https://doi.org/10.4324/9780429054686>
L. S. Ascensão de Macedo

ISSN

0872-5632
2182-7974

MORADA PARA CORRESPONDÊNCIA

Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra
Arquivo da Universidade de Coimbra
Rua de S. Pedro, 2, 3000-370 Coimbra, Portugal
URL: <http://www.uc.pt/auc>